

COMO O ARQUITETO ASSUME UM NOVO PAPEL NA CONSTRUÇÃO



ABRAHAM MIGUEL ARAÚJO
ARQUITETO E PROJECT MANAGER

Como é que a profissão de arquiteto e as suas responsabilidades na construção têm evoluído?

Os donos de obra, sobretudo empresariais, têm vindo a reconhecer o valor estratégico do arquiteto como parceiro técnico-jurídico. Esta mudança também resulta de uma evolução cultural na perceção – ou reconhecimento – do arquiteto, durante muito tempo limitada pela regulamentação tardia e ainda escassa da profissão em Portugal. O Simplex Urbanístico reduziu burocracias, mas aumentou a nossa responsabilização, evidenciando as vantagens de um arquiteto capaz de coordenar projetos densamente regulados (territorial, ambiental e especialidades técnicas). Nesse contexto, os clientes percebem cada vez mais os benefícios de o arquiteto assumir funções adicionais, como Project Manager ou Diretor de Fiscalização.

Como avalia os materiais utilizados e que desafios identifica?

Para além da estética e da durabilidade, destaca o impacto na descarbonização e na saúde humana. O carbono incorporado – gerado no fabrico e transporte – continua pouco valorizado face ao carbono operacional, que é mais fácil

ABRAHAM MIGUEL ARAÚJO EXPLICA COMO A PROFISSÃO TEM VINDO A ASSUMIR UM PAPEL MAIS ESTRATÉGICO E RESPONSABILIZADO NA CONSTRUÇÃO, IMPULSIONADO POR MUDANÇAS REGULAMENTARES E POR UMA MAIOR CONSCIÊNCIA DOS CLIENTES.



MORADIA EM CARRAZEDA ANSIÃES

de reduzir com eficiência energética e energias renováveis. A escolha de materiais produzidos longe do local de construção implica custos ambientais e culturais adicionais. Além disso, muitos revestimentos e tintas libertam compostos voláteis que degradam a qualidade do ar interior. Defendo, por isso, o uso de materiais de proximidade e com ciclo de vida documentado. Esta abordagem não rejeita a inovação, mas exige análise rigorosa do desempenho e pode favorecer pequenos produtores e o regresso ao artesanato local, melhorando simultaneamente a sustentabilidade e a qualidade do ar interior.

“Há muito greenwashing na construção: soluções que cumprem normas no papel, mas que não resolvem a raiz do problema”.

Considerando a sua experiência em França, quais são as principais diferenças entre as metodologias francesas e portuguesas?

O principal fosso vem da regulamentação tardia em Portugal e da subvalorização histórica do arquiteto. Em França a cadeia de responsabilização é rígida, do promotor ao subcontratado, com seguros que impõem rigor técnico através dos DTU (Documents Techniques Unifiés) e cadernos prescritivos de valor legal.

Em Portugal as “regras de arte” dependem mais do brio individual do que de normas escritas. Na minha opinião, a transferência de competências do Estado para a Ordem dos Arquitetos em 1998 não foi acompanhada por suficiente intervenção política e técnica para colmatar essa lacuna.

Quais são as tendências que vieram para ficar e quais são apenas passageiras?

A distinção que importa não é entre tendências antigas e novas, mas entre descarbonização operacional e descarbonização incorporada. Há muito greenwashing: soluções que cumprem normas no papel sem resolver a raiz do problema. O que veio para ficar responde a necessidades verificáveis: reutilização adaptativa, design passivo, atenção ao carbono incorporado e resiliência climática. O reforço do artesanato local e do detalhe intencional é uma tendência genuína e de valor. Uma regulamentação técnica mais detalhada, trabalho para instituições como o LNEC, poderia acelerar estas mudanças, mas depende de vontade política e de uma cultura que aceite maior precisão normativa.



+351 918 560 132
ARAÚJO@ABRAHAMARAÚJO.PT

WWW.ABRAHAMARAÚJO.PT